

SÉRIE **Monteiro
Lobato**

ADAPTADO POR
WALCYR CARRASCO
.....
ILUSTRAÇÕES DE RENAN SANTOS

A
Reforma
da Natureza

.....
DE MONTEIRO LOBATO

LEITOR FLUENTE • 4º E 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL
LEITOR FLUENTE • 6º E 7º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

PROJETO DE LEITURA

Elaboração: Clara de Cápua
Coordenação: Maria José Nóbrega

 **MODERNA**

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoieira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano... Há o tempo das escrituras e o tempo da

memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como

resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que pertence, analisando a temática, a perspec-

tiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero: Palavras-chave: Áreas envolvidas: Temas transversais: Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

UM POUCO SOBRE OS AUTORES

Monteiro Lobato nasceu na cidade de Taubaté, no estado de São Paulo, no dia 18 de abril de 1882. Mais tarde, mudou-se para a capital do estado, formando-se na Faculdade de Direito da USP. Atuou como promotor público de 1907 a 1911. Abandonou o cargo e deu início à vida de fazendeiro, após herdar a fazenda de seu avô. Mas o entusiasmo pela fazenda não durou e, como já estava escrevendo artigos para jornais e revistas, resolveu dedicar-se aos livros. Em 1921, publicou *A menina do narizinho arrebitado*. Faleceu no dia 4 de julho de 1948, em São Paulo.

Walcy Carrasco nasceu em 1951 em Bernardino de Campos, SP. Escritor, cronista, dramaturgo e roteirista, com diversos trabalhos premiados, formou-se na Escola de Comunicação e Artes de São Paulo. Por muitos anos trabalhou como jornalista nos maiores veículos de comunicação de São Paulo, ao mesmo tempo que iniciava sua carreira de escritor na revista *Recreio*. Desde então, escreveu diversas novelas, peças de teatro e publicou mais de trinta livros infantojuvenis, tendo recebido por suas obras muitos prêmios ao longo da carreira. É cronista de revistas semanais e membro da Academia Paulista de Letras, onde recebeu o título de Imortal.

RESENHA

Todos nós em algum momento já desejamos que as coisas fossem diferentes, seja em nossa própria vida ou em nosso entorno. E, se pudéssemos solucionar problemas em um passe de mágica, com certeza proporíamos uma série de mudanças no mundo e na natureza. Espera um pouco, até mesmo na natureza? Sim, na natureza! Por que não? Esse é o mote desta divertida obra de Monteiro Lobato, adaptada aos dias de hoje por Walcy Carrasco.

Quando Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho, Pedrinho e o Visconde de Sabugosa partem em viagem rumo a uma Conferência da Paz, a boneca Emília vê uma oportunidade perfeita para ficar sozinha no sítio por uns dias e colocar em prática um antigo e ousado plano: reformar a natureza.

Em sua opinião, a natureza tinha cometido uma série de pequenos erros que poderiam ser corrigidos com alguns “ajustes”. Por exemplo, em vez de construir ninhos, os passarinhos poderiam simplesmente ter suas costas “amassadas” para nelas carregarem seus ovos. E as vacas, por sua vez, poderiam ter torneiras em parte de suas mamas para facilitar a ordenha, enquanto a outra metade ficaria nos moldes originais para que os bezerros pudessem se alimentar. Com a ajuda de sua amiga Rã, Emília vai pouco a pouco mexendo em uma coisinha aqui, em outro detalhe ali... Tudo, como ela insiste em explicar, com o intuito de promover um melhor aproveitamento da natureza, ou seja, suas reformas são pautadas pela lógica da utilidade, e não da beleza ou da diversão. Com exceção de alguns pequenos deslizes, é claro.

Sem medir as consequências de seus atos, Emília segue com sua alquimia até que Dona Benta e comitiva retornam ao sítio, fazendo-a reavaliar algumas de suas decisões. Nesse ponto, uma segunda parte da história se inicia. Com a ajuda do Visconde de Sabugosa, a curiosa e determinada boneca se aventura em experimentos científicos um pouco mais elaborados. Estudando as glândulas do corpo, a dupla secretamente adentra o campo do melhoramento genético, fazendo experimentos em formigas, centopeias, pulgas, entre outros insetos. Os resultados são os mais bizarros, claro!

Publicada originalmente em 1941, *A Reforma da Natureza* surpreende por sua pertinência. Nesta nova versão, ela se atualiza pelas palavras de Walcy Carrasco, que insere tecnologias contemporâneas como *e-mails* e *laptops*, aproximando o público ainda mais de uma história que, por si só, já é bastante cativante. Por outro lado, a adaptação também guarda um gosto de passado, que deriva sobretudo das ilustrações: os elaborados desenhos de Renan Santos, criados apenas com linhas pretas, aludem a antigos desenhos científicos e gravuras em metal. Essa brincadeira com o tempo com certeza provocará o imaginário dos jovens leitores, intrigando-os ainda mais a conhecerem a obra de Monteiro Lobato.

Entre tantos pontos positivos, o principal legado da obra parece ser justamente o convite à refle-

xão. Ao acompanhar os mirabolantes experimentos de Emília, o leitor certamente se questionará acerca das interferências que a humanidade tem operado na natureza. Sem jamais condenar a pesquisa ou mesmo o domínio, ainda que muitas vezes ilusório, do homem sobre a natureza, o livro, ao contrário, incentiva a busca pelos avanços científicos. Uma busca que precisa ser constantemente guiada pelo precioso equilíbrio.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Novela infantil (adaptação).

Palavras-chave: fantasia, avanços científicos, natureza.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Artes, Ciências.

Temas contemporâneos: Vida familiar e social; Meio Ambiente; Ciência e Tecnologia.

Público-alvo: Leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental), Leitor fluente (6º e 7º anos do Ensino Fundamental).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Escreva o título do livro *A Reforma da Natureza* na lousa e pergunte aos alunos o que essa expressão lhes sugere. Reformar uma casa é uma expressão que todo mundo entende, mas como será possível reformar a natureza? Permita que a turma levante hipóteses, despertando dessa forma o interesse pela obra.
2. Apresente a capa e quarta capa do livro à turma, pedindo que observem atentamente a ilustração. Rica em detalhes, a imagem apresenta uma árvore à qual diversos personagens e elementos são integrados. Que tal elaborar lista com todos eles? Feita a lista, pergunte: O que as personagens estão fazendo? De que maneira interagem com os demais elementos?
3. Peça a algum aluno que leia em voz alta a sinopse do livro, localizada na quarta capa. Em um primeiro momento, Walcyr Carrasco conta que a versão original da obra de Monteiro Lobato é

um de seus livros prediletos. A paixão pela obra, explica Walcyr, vem de um fascínio pela personagem Emília e sua capacidade de operar mudanças em seu entorno. Aproveitando o mote, pergunte aos alunos: quais são os seus livros favoritos e por quê?

4. Leia com a turma os títulos dos capítulos, apresentados no Sumário. Alguns são bastante sugestivos, como “O livro comestível” ou “A Noventa e quatropeia”. Quais dos títulos despertam maior curiosidade nos alunos? Por quê?

5. Proponha uma leitura em voz alta do prefácio do livro. O texto nos convida à reflexão acerca dos avanços tecnológicos e suas possíveis consequências na natureza. Será que a natureza precisa mesmo ser reformada? Quais ponderações devem ser feitas quando interferimos nela?

Durante a leitura

1. Para além dos capítulos, o livro é dividido em duas partes, apresentadas por duas grandes ilustrações. Peça aos alunos que observem cada uma dessas imagens de modo a levantar hipóteses sobre a trama e, posteriormente, relacioná-las aos episódios narrados.
2. Emília e sua amiga Rã têm o hábito de adaptar algumas palavras, tornando-as mais fluentes à oralidade. É o caso das expressões “bissolutamente”, derivação de “absolutamente”; “bissurdo”, derivação de “absurdo”. Peça aos alunos que listem essas palavras no texto.
3. Ao longo do livro, o leitor encontrará uma série de notas de rodapé que apresentam esclarecimentos acerca dos mais variados temas tratados na obra. Animais, fisiologia, acontecimentos históricos e cultura são alguns dos objetos de conhecimento agraciados por essas referências. Levando isso em conta, oriente os alunos a consultarem essas notas sempre que necessário.
4. Chame a atenção para as ilustrações que compõem o livro. Criadas apenas com linhas pretas, elas são altamente detalhadas e remetem-nos a antigas ilustrações. Ao longo da leitura, peça aos alunos que observem atentamente essas imagens, buscando relacioná-las ao texto. Um tanto surrealistas, elas dão certa dose de humor às estranhas criaturas modificadas por Emília, Rã e pelo Visconde de Sabugosa.

Depois da leitura

1. Promova uma roda de conversa sobre o livro. Na opinião dos alunos, qual é o tema central da obra? A relação entre o homem e a natureza? Os avanços científicos? A fantasia? Permita que todos expressem suas opiniões livremente, valorizando a singularidade de cada fruição. Por fim, chame a atenção da turma para o final do livro, em que Emília, diante da incredulidade de Dr. Zamenhof, afirma: “Não se assuste, doutor! O nosso segredo é o Faz de Conta. Tudo é possível quando se aplica o Faz de Conta. Esse é nosso grande segredo, acredite!” (p. 109). Como os alunos interpretam essa explicação? Afinal, os experimentos de fato aconteceram ou tudo não passou de uma brincadeira de faz de conta? Que sensações essa possível dúvida lhes provoca?
2. Se assim como Emília os alunos pudessem realizar reformas na natureza, que alterações fariam? Peça que cada estudante individualmente escolha um ser vivo – animal ou planta – para propor uma reforma que considere interessante. O critério utilizado pode partir tanto do ponto de vista da utilidade, como sugere Emília, quanto da estética, como sugere a Rã. Por fim, peça a cada aluno que compartilhe sua reforma com a turma, explicando os motivos de sua escolha.
3. Releia com a turma o texto sobre o ilustrador, no final do livro, que nos revela que ele nutre grande admiração por outro ilustrador, o francês Gustave Doré. Que tal pesquisar um pouco mais sobre a obra desse importante artista francês do século XIX? Doré ficou bastante conhecido por ilustrar tanto um clássico como *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, quanto fábulas de Perrault, ou os contos *Chapeuzinho Vermelho* e *O Gato de Botas*. De que maneira é possível comparar as ilustrações à desta edição de *A Reforma da Natureza*? Chame a atenção dos alunos para a presença de hachuras no trabalho de ambos os artistas. Hachura, vale lembrar, é técnica de desenho que permite a construção de sombras e tonalidades por meio de linhas paralelas e cruzadas.
4. Na segunda parte do livro, o Visconde e Emília fazem um aprofundado estudo das glândulas que integram nosso organismo. O fígado, as glândulas mamárias, a glândula pineal, a glândula pituitária ou hipófise e a tireoide

são as principais citadas. Que tal pesquisar um pouco mais sobre elas? Divida a turma em grupos, delegando a cada um deles uma das glândulas citadas para pesquisa. Para dar um tom lúdico à atividade, proponha que os resultados das pesquisas sejam apresentados no formato de relatórios científicos, apresentados por Emília.

5. Uma adaptação televisiva de *A Reforma da Natureza* foi realizada em 2002. Dividida em diversos episódios, ela pode ser facilmente encontrada na internet. Organize uma ou duas sessões para assistir com a turma a essa adaptação. Quais são as principais semelhanças e diferenças entre a versão escrita de Walcyr Carrasco e a televisiva? Os alunos com certeza notarão a presença de novas personagens e variações no desenrolar da história. Qual versão lhes parece mais interessante? Por quê?

DICAS DE LEITURA

► do mesmo autor

Reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato (adaptação de Walcyr Carrasco). São Paulo: Moderna.

A Rainha da Neve, de Hans Christian Andersen (adaptação de Walcyr Carrasco). São Paulo: Moderna.

Viagem ao Centro da Terra, de Júlio Verne (adaptação de Walcyr Carrasco). São Paulo: Moderna.

A Volta ao Mundo em 80 dias, de Júlio Verne (adaptação de Walcyr Carrasco). São Paulo: Moderna.

► do mesmo gênero

A Ilha Misteriosa, de Júlio Verne (adaptação de Clarice Lispector). Rio de Janeiro: Rocco.

Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift (adaptação de Clarice Lispector). Rio de Janeiro: Rocco.

Um Capitão de Quinze Anos, de Julio Verne (adaptação de Carlos Heitor Cony). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!